

MANIFESTAÇÃO

Presidente demissionário da Funai atribui ao presidente Fernando Henrique parte da culpa pela violência da PM contra índios durante a comemoração oficial dos 500 anos do descobrimento



Índios prontos para marchar até Porto Seguro são impedidos de prosseguir pela PM baiana. Segundo o presidente da Funai, manifestação era pacífica e índios se assustaram

“UM FRACASSO”

Da Agência Estado

Um dia depois de ter anunciado o seu pedido de demissão, inconformado com a violência utilizada para reprimir a manifestação dos índios em Santa Cruz Cabralia, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Frederico Marés, definiu como “um fracasso” as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil na Bahia. Ele atribuiu parte da culpa pela repressão violenta da PM baiana à marcha dos manifestantes ao presidente Fernando Henrique Cardoso. No confronto, sábado, cerca de 160 pessoas foram detidas e outras 50 ficaram feridas.

“Essas comemorações começaram com a destruição do monumento feito pelos índios e acabou com a repressão à marcha. Parece que aconteceu em uma semana o mesmo que ocorreu nesses 500 anos”, desabafou. “Não posso compartilhar com isso de jeito algum”.

Marés voltou a Brasília na noite de sábado para fechar a sua participação na Funai. Hoje pela manhã, ele apresenta o seu pedido de demissão ao ministro da Justiça, José Gregori. Para Marés, um pedido de desculpas do presidente Fernando Henrique Cardoso pelos excessos da polícia baiana é completamente desnecessário. “Esse incidente deve servir para uma reflexão dele sobre como organizou o governo e para uma revisão de rumos”, disse.

O presidente demissionário acha que seu sucessor deve prosseguir com a política de revisão da demarcação das terras indígenas e com a melhoria da situação ecológica das terras, orientação que tinha acertado com o então ministro da Justiça, José Carlos Dias — que o convidou para o cargo — e que tinha sido aprovada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Marés estava no meio dos índios quando a polícia baiana começou a lançar bombas. Ele culpou as declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso e do ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, pelos excessos contra os índios. Cardoso e Fernando Henrique

Dida Sampaio/AE



Marés entrega hoje pedido de demissão ao ministro da Justiça

“Foi um erro do presidente ter apoiado esse esquema de segurança. Foi o sinal claro para a atuação da polícia”

Carlos Marés,
presidente da Funai

tinham dito que não seria permitida a presença de manifestantes em Porto Seguro. “Foi o sinal claro para a atuação da polícia”, afirmou. “Foi um erro do presidente ter apoiado esse esquema de segurança”.

Segundo Marés, a ação dos policiais deixou os índios surpresos. “Era a primeira vez que eles faziam uma manifestação e vinham caminhando de forma pacífica quando os policiais começaram a agredir”, contou. “Eles ficaram tão assustados com a violência que correram do local e foram embora”. A intenção deles, conforme Marés, era marchar até Porto Seguro e entregar um documento ao presi-

dente por intermédio de uma comissão.

O incidente de sábado foi, na definição dele, não apenas a gota, mas “a enxurrada de água” para o pedido de demissão. Ele admite, porém, que começou a pensar em entregar o cargo quando o monumento que vinha sendo construído pelos próprios índios em Coroa Vermelha foi destruído. “Eu ainda achava que poderia ser diferente e que tudo poderia correr sem traumas”.

INTERMEDIACÃO

A interlocução dos povos indígenas com o governo estava sendo feita por Marés. Segundo ele, a Funai foi excluída do planejamento da segurança tanto do evento a partir do dia 13, depois de intermediar o encontro do presidente Fernando Henrique com uma comissão de índios. “Quebrou aí a interlocução do movimento dos índios com o governo”, afirmou.

Ao tomar conhecimento da intenção dos policiais de reprimir a marcha dos índios, Marés disse que procurou os responsáveis pela segurança tanto da Presidência da República quanto do Ministério das Relações Exteriores. Não teve sucesso em nenhuma de suas investidas. Para ele, ao invés de agredir

os índios, a polícia baiana deveria ter garantido a segurança da marcha indígena.

Em São Paulo, o ministro da Justiça, José Gregori, declarou ter “apreço técnico e pessoal” pelo presidente da Funai. “Não tenho outra expectativa senão conversar calmamente com ele”, disse o ministro sobre aceitar ou não o pedido de demissão. “Sei que ele teve uma semana muito tensa”. Gregori lamentou não ter podido se reunir com Marés na semana passada, a primeira dele à frente do ministério. “Tentei fazer isso com todos os indicados pelo ministro anterior”, explicou.

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

SAÍDA NA HORA CERTA

Carlos Frederico Marés de Souza Filho assumiu a presidência Funai em novembro de 1999, substituindo Márcio Lacerda, que deixou a entidade oito meses depois de ter sido nomeado pelo ex-ministro da Justiça Renan Calheiros. Lacerda pôs o cargo à disposição para que o novo ministro, José Carlos Dias, tivesse liberdade para formar sua equipe. Considerado um dos colaboradores mais próximos de Dias, Marés ganhou projeção nacional em fevereiro, durante a polêmica demissão, por fax, do sertanista Orlando Villas Boas como assessor da Funai. Marés demitiu o sertanista por acumular o cargo público, pelo qual recebia R\$ 1.300,00, com uma pensão. O caso alcançou repercussão internacional e o presidente Fernando Henrique Cardoso desculpou-se com Villas Boas. Advogado, de 53 anos, professor da Universidade Católica do Paraná, Marés foi filiado ao Partido Comunista na juventude, preso durante o regime militar e exilado entre 1970 e 1979, ano em que voltou ao país graças à Lei da Anistia. Foi procurador-geral do Paraná no início da década de 80, durante o governo Roberto Requião (PMDB) e secretário da Cultura de Curitiba entre 1983 e 1988. Na verdade, sua situação à frente da Funai já estava comprometida desde que José Carlos Dias deixou o ministério, há dez dias, e foi substituído pelo então secretário nacional de Direitos Humanos, José Gregori. Agora, Marés obteve uma boa oportunidade para deixar o cargo sem desgaste.